
DE HELENA A CAPITU: UMA TRAJETÓRIA DE AMOR E DECEPÇÃO

CUNHA, Diandra Aparecida Pereira¹
COSTA, Sueli Silva Gorricho²

Recebido em: 2012-01-11

Aprovado em: 2012-04-11

ISSUE DOI: 10.3738/1982.2278.683

RESUMO: Este trabalho focaliza a criação de personagens femininas na literatura por meio das obras: Helena (1876) e Dom Casmurro (1900) de Machado de Assis. A análise dos perfis femininos leva em consideração o contexto histórico e o seu momento literário. É uma trajetória em que essas duas personagens são distintas e delineadas, uma pelo Romantismo e a outra pelo Realismo, mas criadas e descritas pelo mesmo autor, Machado de Assis. O recurso da narrativa em Helena vai construindo uma personagem que em busca da felicidade é obrigada a mentir e, em Dom Casmurro, Capitu é construída com perfil de uma personagem dissimulada, mas que não usa sua voz para negar, afirmar ou discutir sobre o que pensa dela.

Palavras chave: Perfil feminino. Personagem. Romantismo. Realismo.

SUMMARY: The aim of this research is to focus the creation of feminine characters in literature through the works of Helena (1876) and Dom Casmurro (1900) written by Machado de Assis. The analysis of feminine profiles takes into account historical context and its literary moment. It is a trajectory in which these two characters are distinct and outlined, one by Romanticism and the other one by Realism, but both of them are created and described by the same author: Machado de Assis. The use of narrative in Helena built a character that in the pursuit of happiness is forced to lie and, in Dom Casmurro, Capitu is built with a profile of a concealed character but she does not use her own voice to deny, to claim or to discuss what people think of her.

Keywords: Feminine profile. Character. Romanticism. Realism.

INTRODUÇÃO

A arte de Machado de Assis é produto de uma criação que vem encantando os mais variados leitores ao longo do tempo.

No início sua obra valorizava os sentimentos, as emoções e a individualidade em que o foco era sempre a idealização. Mais tarde isso muda e a razão e a universalização passam a constituir suas obras e os aspectos sociais, tendo a ironia, enquanto geradora de ambiguidade e na análise psicológica uma forma de construir enredo e personagem.

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a construção dos perfis femininos de Helena e Capitu, nas obras Helena (1876) e Dom Casmurro (1900), de Machado de Assis pertencentes respectivamente aos períodos literários do Romantismo e do Realismo.

São dois momentos históricos distintos, mas cada um com suas especificidades norteadoras de mulheres que vão marcar, enquanto personagens fortes, por suas atitudes, o seu tempo.

O interesse pela pesquisa se deu pela discussão que sempre acontece sobre as personagens femininas de Machado de Assis.

Os procedimentos metodológicos têm como percurso a revisão teórica por meio da interpretação dos referenciais bibliográficos, e da análise do corpus, com fragmentos das obras que mostram as personagens em estudo.

O ROMANTISMO

O Romantismo teve seu início na Europa no século XVIII e no ano de 1836 no Brasil, com a obra

¹ Graduada em Letras pela FFCL Ituverava

² Prof.ª Me. da FFCL de Ituverava nos cursos de Letras e Pedagogia.

Suspiros poéticos e saudades, de Gonçalves de Magalhães.

O movimento se destacou na poesia com as três gerações. Na primeira há valorização do índio, do nacionalismo e da natureza. Na segunda destaca-se o egocentrismo, o ultra-romantismo, o mal do século. A terceira geração é voltada para a poesia social. Como autores têm-se: Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves e outros.

No teatro o destaque é para Martins Pena e Gonçalves Dias. E na prosa José de Alencar. Segundo Bosi (1994, p.128) “Eram moças e moços provindos das classes alta e excepcionalmente, médias. Eram profissionais à procura de entretenimento que não percebiam muito a diferença de grau entre um Macedo e um Alencar urbano.”

Um público que procura na prosa romântica algo que lhes interessem diversão, histórias de amor com final trágico, amor por interesse, a valorização o índio como patrimônio do Brasil e surgem elementos diferentes, que antes não eram tratados chamando a atenção da sociedade, como as figuras femininas.

Na prosa o romance, **A Moreninha** (1844) de Joaquim Manuel de Almeida era distribuído um capítulo por dia (folhetim) que juntos formaram um romance. O interesse foi grande e toda a sociedade crianças, jovens, homens e inclusive as mulheres, que na época ficavam em casa cuidando do lar, viam nesses folhetins uma maneira diferente de sorrirem, ficarem alegres e ansiosas para o próximo capítulo. É como as novelas de hoje, em que todos ainda se divertem com as histórias, todas com seus finais felizes ou não.

Há nesse período o uso de um vocabulário simples, retratando a burguesia e a idealização não só do índio, mas a do herói e da mulher.

O REALISMO

“Narração de costumes contemporâneos da primeira metade do século XIX e de Todo século XVIII.” Bosi (2001.p.1649).

Um movimento que vem após o Romantismo, se apropriando das coisas do coração, valorizando as ciências, a matemática, a química, a física. São momentos marcantes do Brasil: os republicanos, o açúcar; mostram o país como ele realmente é com casamentos por interesses, temas sociais e adultério, fazendo uma crítica aos valores da burguesia.

Pregava-se uma atitude objetiva e uma filosofia positivista. Procurava-se através da literatura denunciar o que de fato estava, ocorrendo, como a desigualdade social, as crises internas e externas, a sociedade desde as classes ricas até os cortiços.

O primeiro romance realista brasileiro foi publicado em 1881, por Machado de Assis, **Memórias Póstumas de Brás Cubas** que mostra o relacionamento do homem com o meio e seus semelhantes.

Segundo Bosi (1994, p.173) “Assim do romantismo ao realismo, houve uma passagem do vago ao típico, do idealizante ao factual.”

Uma visão idealizada do Romantismo, no Realismo isso não acontece, pois a realidade passa a ser tratada como ela é de fato. A mulher não é idealizada e apresenta defeitos e qualidades.

Houve várias mudanças entre esses dois períodos, mas há uma continuidade sobre a figura feminina na sociedade.

MACHADO DE ASSIS

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1839, faleceu em 1908; filho de um pintor de paredes, descendente de escravos e de uma imigrante portuguesa, não teve uma vida fácil, sua família era humilde, enfrentou a gagueira, o preconceito por ser mulato, por ter epilepsia e

miopia.

Na adolescência sofreu com a morte da mãe depois com a do pai, passando a morar com a madrastra. Para ajudar em casa começou a trabalhar como funcionário público.

Casa-se com Carolina Xavier de Moraes, uma portuguesa com quem viveu trinta e cinco anos; a esposa sempre apoiou Machado e se tornou musa inspiradora, como no soneto “Carolina”. Dedicou-se a carreira de cronista, jornalista, crítico e várias de suas obras foram publicadas em revistas importantes da época.

Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, tornando-se o primeiro presidente. Sua obra é dividida em duas fases, a primeira é considerada por alguns críticos como romântica, em que pouco se conhece, mas sabe-se que ele começou a relatar os fatos que ocorriam na sociedade; fala do papel da mulher, uma mulher forte objetiva e em suas obras segundo Cruz; Lopes; Garroux (2008, p.46) “[...] Machado opta também pela exploração dos personagens, e não pela descrição do espaço. Essa é uma importante característica da fase romântica que permanecerá no Machado maduro.”

[...] É preciso levar em conta o reconhecimento de duas etapas na carreira de escritor, sem prejuízo da sua perfeita unidade. Ele possibilita a distribuição de seu romance em dois grupos quanto ao primeiro, com Ressureição, Helena, A Mão e a Luva e Iaiá Garcia, em vês dele dizer que o romancista ainda se apresenta bastante comprometido com herança romancista, Preferimos admitir que ele está preso as características mais Gerais do romance do século XIX. (CANDIDO;CASTELO 1974, p.300)

A personagem feminina é idealizada, meiga, romântica, que todos adoram. Um perfil ideal para sociedade. Nessa fase apresenta-se a obra Helena.

A segunda fase machadiana é considerada Realista, segundo Pereira (2008, p.21) “[...] Superou o estilo romântico e adere a um novo projeto de criação literária drástica, mudança é impulsionada pela consciência profunda das contradições histórico-sociais [...]”

Machado mostra o psicológico dos personagens, trazendo para suas obras o romance psicológico na qual é mestre e deixa de lado o romance urbano.

Nessa fase há Capitu, uma grande personagem feminina, que ainda hoje gera polêmica por seu modo de ser.

Há o rompimento de Machado com o Romantismo, não havendo mais a idealização da mulher e traz para suas obras mulheres com defeitos, qualidades e casamentos com muitas desconfianças.

Machado mostra o que ocorre no dia-a-dia da sociedade, as coisas ruins como a escravidão, mas também coisas boas como o amor, que existe de todas as formas e jeitos.

Seu papel na literatura foi muito grande, pois relata em suas obras os acontecimentos que ocorrem a sua volta, sem medo do que os outros vão dizer e pensar, e denuncia o que de fato ocorre na sociedade.

Sua esposa, Carolina, falece em 1904, e a vida de Machado muda totalmente e alguns anos depois da morte da amada ficou muito doente, sua vista fica ruim, tem problema intestinal entre outros, acaba sendo internado e em 29 de setembro de 1908 falece. Foi enterrado ao lado da esposa. Machado deixa para a literatura grandes obras com personagens inesquecíveis que marcam na literatura, como: a dissimulada Capitu, e a emotiva Helena.

AS OBRAS: HELENA E DOM CASMURRO

HELENA

A obra **Helena** foi publicada pela primeira vez em forma de folhetim, na cidade do Rio de Janeiro, de 6 de agosto à 11 de Setembro de 1876 .Escrita por Machado de Assis.

Conta a história de Helena filha de Salvador e Ângela, Salvador por motivo de doença do pai acaba se afastando da família e como a situação financeira não era nada boa com a saída dele acaba piorando e Ângela encontra ajuda com o conselheiro que lhe dá casa e educação.

Quando Salvador retorna à casa não encontra ninguém e descobre que a mulher está com outro. Ângela lhe escreve uma carta contando tudo e pedindo desculpas, mas ele continua a ver a filha por meio de cartas ou visitas escondidas e não culpa o conselheiro, pois achava que Ângela era separada.

Conselheiro acaba falecendo e deixando um testamento onde mencionava uma filha chamada Helena dizendo para cuidar da moça. Todos ficaram surpresos, D.Úrsula (irmã do conselheiro) reprovando a atitude do irmão, enquanto Estácio (filho do conselheiro) respeitou a decisão do pai. Então D.Úrsula resolve aceitar Helena mas se recusando a dar afeto.

Helena chega a casa, mas na verdade não queria estar ali, antes de ir falou com seu pai que lhe disse para continuar dizendo que é filha do conselheiro, ela no começo recusa mas o pai a convence dizendo que não é maldade ela continuar a mentira, só que com ele ela não teria futuro já com a família do conselheiro teria, então, Helena aceita. Estácio a recebe bem, mas D.Úrsula continua rejeitando a moça; dias se passaram e Helena na maioria das vezes permanecia no quarto e D.Úrsula nem falava com a moça. Camargo grande amigo da família sempre desejou casar sua filha Eugênia com Estácio, e esse pede Eugênia em namoro, mas, passou a sentir algo de estranho por Helena, não sabendo exatamente o que sentia, ficando quieto sobre o assunto.

Estácio leva Helena para passear a cavalo e encontra um senhor numa casa antiga olhando para Helena e ela para ele, Estácio a acha estranha mas depois acaba esquecendo. A convivência na casa foi melhorando D.Úrsula já estava conversando com Helena, mas o amor que Estácio sentia estava aumentando a ponto de não aceitar o namoro de Helena com Mendonça (seu grande amigo), depois de várias conversas ele acaba cedendo.

Camargo ameaça Helena, pois ela continuava a se encontrar com o senhor da casa antiga e ele descobriu, prometendo não revelar nada mais ela teria que ajudar no casamento do irmão com sua filha. Helena chorou muito se trancou no quarto e depois de horas resolve ceder e vai até Estácio que fica triste ao saber que a irmã apóia o seu casamento e resolve pedir Eugênia em casamento.

Helena continua a se encontrar com o senhor e Estácio acaba vendo os dois juntos e fica curioso para saber quem é o senhor, espera Helena se afastar e se aproxima da casa dizendo estar ferido, o senhor ajuda-o e ele faz várias perguntas, mas o senhor não responde; então Estácio volta para casa refletindo sobre o ocorrido. Estácio pergunta à irmã sobre o que aconteceu, mas ela corre para o quarto não respondendo; chama o padre que conversa com ela e recebe uma carta, primeiro lê sozinho, depois para os demais.

O conteúdo da carta trazia as palavras “filha” e “pai” e todos ficam sem entender. O padre e Estácio vão até a casa do senhor onde tudo é revelado: que é pai de Helena. Os dois voltam para a casa e D. Úrsula já estava sabendo do ocorrido e todos resolveram manter a decisão do conselheiro, mas Helena não queria continuar com a mentira e queria ir embora com o seu pai ele pensando no futuro da filha resolve ir embora deixando uma carta de despedida.

Helena fica muito triste e Estácio confessa ao padre que gosta de Helena e que irá se casar para esquecê-la. Helena não aceitando a ideia do pai em deixá-la, num dia chuvoso sai correndo sem destino, Estácio a encontra e a traz com muita febre, pois havia ficado doente; chamam o médico que diz que o estado dela é grave. Ela vai piorando muito e acaba falecendo.

Estácio fica muito triste sem saber que rumo tomar, pois havia perdido sua amada, enquanto isso Eugênia sua futura esposa vai dormir triste com a morte de amiga.

Helena falece sem consumir seu amor, mas uma moça que sempre é fiel aos seus princípios e

valores, que morre em busca da verdade.

DOM CASMURRO

Dom Casmurro foi publicado em 1900, por Machado de Assis. O espaço retratado é o Rio de Janeiro e o narrador e protagonista é Casmurro, o Bentinho; que resolve escrever um livro para contar a história de sua infância até sua velhice solitária.

Sua mãe prometeu que se tivesse um filho ele seria padre e nasce Bentinho, já destinado a padre. Cresce junto à mãe D. Glória e com Capitulina, Capitu, a menina que sempre amou.

Cumprindo com a promessa da mãe é enviado ao seminário, mas não queria ser padre nem deixar à amada e D. Glória sofre também ,pois é seu único filho mas havia a promessa.

No seminário conhece Escobar, que como ele não tinha vocação para padre e tornaram-se amigos. Com ajuda de José Dias que interveio junto a D.Glória,mostrando que Bentinho não tinha vocação, ela decide tirar o filho do seminário e Escobar acaba saindo também.

Bentinho continua amando Capitu, mas acaba viajando para São Paulo para estudar direito; e Escobar conhece Sancha (grande amiga de Capitu) e casam-se e tem um filho.

Bentinho volta dos estudos e se casa com Capitu e depois nasce Ezequiel. Escobar acaba falecendo e durante seu velório surge o mistério que envolve o livro: Capitu não chorava como os demais e sim como se fosse a viúva; Bentinho analisa tudo principalmente o olhar da mulher no defunto e começa a perceber que seu filho é idêntico ao amigo e surgem as desconfianças,pois havia encontrado a esposa com o amigo juntos várias vezes; e Ezequiel seria filho de quem?

Ezequiel cresce e as desconfianças vão prevalecendo e Bentinho fica louco pensa até em suicídio, assassinato da esposa, mas acaba optando pela separação, não queria mais os ciúmes eram grandes e as desconfianças também.

Capitu viaja com o filho para Europa, acaba adoecendo e falecendo enquanto Bentinho perdia a mãe e o grande amigo da família José Dias. Ezequiel já moço retorna e conta sobre a morte da mãe, mas Bentinho continua vendo semelhanças. Ezequiel retorna à Europa e acaba falecendo de febre tifóide.

Então, Bentinho numa imensa solidão e, muita amargura e com o sentimento de traição, resolve escrever um livro para contar tudo o que ocorreu com ele.

PERFIS FEMININOS E O CONTEXTO HISTORICO-SOCIAL

HELENA

Era uma moça dezesseis a dezessete anos, delgada sem magreza, estrutura um pouco acima de mediana, talhe elegante e atitudes modestas. A face, de um moreno-pêssego, tinha a mesma imperceptível penugem da fruta de que tirava a cor; naquela ocasião tingiam-na uns longes cor-de-rosa, a princípio mais rubros, natural efeito do abalo. As linhas puras e severas do rosto parecia que as traçara a arte religiosa. Se os cabelos, castanho como os olhos, em ves de dispostos em duas grossas tranças lhes caíssem espalhadamente sobre os ombros, e se os próprios olhos alçassem as pupilas ao céu, disséreis um daqueles anjos adolescentes que traziam a Isabel aos mensageiros do senhor (ASSIS, 1972,p.38).

O perfil feminino de Helena é bem daquela época em que as moças tinham que se vestir bem, serem elegantes, educadas, comparadas como anjos enquanto casadas faziam tudo que seus maridos pediam não tendo opinião em absolutamente nada, ficavam quietas diante do que estava ocorrendo na época, só os homens é que falavam durante as refeições, enquanto as mulheres cuidavam da casa, não solicitavam em nenhum momento a ajuda deles para nada. Assis (1972, p.34) “Mulheres que são apenas mulheres,choram,arrufam-se; as que têm alguma coisa mais do que a debilidade feminina, lutam ou recolhem-se à dignidade do silêncio.”

As mulheres ainda não tinham direito ao voto, não tinham voz ativa perante a sociedade. Eram intocáveis, puras muitas vezes casavam por combinação do pai com outra pessoa, não escolhiam o marido, só tinham que se guardarem para ele.

Eram lindas como Helena: face morena pêssego, olhos lindos, eram moças que para sociedade tinham que respeitar seus pais e depois seus maridos e nada mais. Nos momentos ociosos elas liam e viam na leitura uma distração. Outras vezes escreviam cartas ou se punham a pensar.

Helena retirou-se ao seu quarto, onde durante três dias passou quase todas as horas, a ler meia dúzia de livros que trouxera consigo, a escrever cartas, a olhar pasmada para o ar, ou encostada ao peitoril de uma das janelas. Algumas vezes desceu a jantar, com os olhos vermelhos e a fronte pesadora, apenas com um sorriso pálido e fugitivo nos lábios. (ASSIS, 1972, p.38).

Helena era uma moça linda, meiga, emotiva que fazia tudo para agradar os outros, falava várias línguas, sabia fazer afazeres domésticos, odiava mentir, mas escapou por mentir para seu próprio bem. Respeitava todos e deixa de ser feliz para agradar os outros e para proteger seu pai. Não consumiu seu amor, pois só pensava nos outros; e acabou morrendo em busca da verdade sem poder viver seu grande amor (Estácio).

Segundo Castello (1999, p.382) “Helena apresenta como elemento a mais a complacência por um lado, por outro, a esperança cristã sobre o que, não compreendido em sua aparência, passa a ser aceito como fatalidade.” Helena é tudo isso, uma mulher dócil, inteligente que seguia todas as normas ditadas pela sociedade e igreja da época.

O livro traz os costumes das mulheres daquela época, que permaneciam parte do tempo em casa cuidando dos afazeres. Helena é um exemplo, vivia em casa, ajudando, sempre com muita simpatia.

Uma moça que com toda sua doçura traz problemas, como as jovens da época. Um deles é a mentira, que no caso de Helena foi fingir que era filha do Conselheiro, mas o que se vê na sociedade são mulheres tentando sua independência, participar dos assuntos da sociedade e enquanto isso não acontece ficam em casa lendo os Romances e se identificando com o perfil de Helena.

O que fica de Helena para os leitores é uma impressão boa, de uma jovem honesta, elegante, simpática, o perfil adequado de mulher para aquela sociedade. Assis (1972, p.43) “Era pianista, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos femininos. Conversa com graça e lia corretamente.”

Machado consegue transmitir como era a sociedade, o que se passava com as mulheres, como eram suas atitudes, o seu perfil, como ela é, e qual seu comportamento, como pensam e agem, com seus defeitos e qualidades (como Helena), procurando ainda seu espaço diante de uma sociedade preconceituosa, em relação às mulheres, mas mostrando a força feminina.

Helena praticava de livros ou alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa, com igual interesse e gosto, frívola com os frívolos, grave com os que eram, atenciosa e ousada, sem entono nem vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes. (ASSIS, 1972, p.43).

A mulher na literatura do Romantismo é ingênua, vivia para servir a todos sem pensar em si, o que era bem típico da época. Machado retrata esse tema da mulher, apresentando Helena aos leitores da época.

CAPITU

Numa primeira leitura já nasce à polêmica da traição, se ela traiu o marido com o melhor amigo, o que perdura durante toda a obra. Observa-se que há apenas a versão de Bentinho, Capitu não tem fala. A

partir de leitura mais crítica, começa a ser compreendida a ironia trabalhada pelo autor. Bentinho um homem que ficou solitário que se sente traído acima de tudo e Capitu que não assume sua culpa ou não.

Criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhes pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo, As mãos, a respeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor... (ASSIS, 2007, p.34)

Não se discute que Capitu é linda e que encantou Bentinho com sua beleza, mas ela não se expressa em momento algum, só a conhecemos por citações de Bentinho, e que era uma mulher que adorava se vestir bem gostava de roupas novas e de luxo, tudo muito caro. “É certo que Capitu gostava de ser vista, e o meio mais próprio a tal fim (disse-me uma senhora, um dia) é ver também, e não há ver sem mostrar que se vê.” (ASSIS, 2007, p.175).

O período literário em que se passa a obra é o Realismo, que diferente do Romantismo não idealiza a mulher e traz todos os seus defeitos ou suas qualidades.

A mulher no Realismo é mais ousada, forte, desafiadora em relação a tudo, é mais independente, dona de suas próprias atitudes e Capitu representa tudo isso

Coutinho (2004, p.165) “Capitu é de caráter mais forte. Pensa e decide por ele. É um gênio da maquinação que salva o frágil amor...”. Uma mulher que é independente, com sua opinião e valores formados.

Como vês, Capitu, aos quatorze anos, tinha já idéias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. (ASSIS, 2007, p.43)

Uma mulher que só pensa em si própria não se vê mais o perfil de uma mulher ingênua, boba, que faz tudo pelos outros e sim daquela que passa por cima de tudo e de todos para conseguir os seus objetivos. Segundo Ribeiro (2008, p.57)

O estereótipo de Capitu como mulher independente e altiva diante dos códigos sociais de sua época planifica a personagem a ponto de se esperarem dela as atitudes que de fato toma. Capitu torna-se mais complexa, no entanto, se comparada a Bentinho e ao seu “alto ego” narrador, Dom Casmurro. Transcende a figura da mulher moderna: passamos a torcer por ela, mesmo sem saber direito o que ela fez ou não.

Capitu é de fato a figura da mulher moderna, aquela que quer independência, age por si própria, e foi a partir do realismo, que essa visão da mulher na sociedade começa a mudar, chegando aos dias atuais. Assis (2007, p.137) “Era uma mulher por dentro e por fora, mulher à direita e à esquerda, mulher por todos os lados, e desde os pés até á cabeça”.

A obra **Dom Casmurro** (1900) vem apresentar o outro lado da mulher, aquele lado mais sombrio, não idealizado, mas o real.

O perfil que Capitu apresenta, é o de uma moça que tem o dom de dissimular, de se sair bem de situações complicadas, pois sempre soube o que queria e desejava.

Assis (2007, p.64) “olhos de cigana oblíqua e dissimulada.” Esses dizeres mostram bem como era Capitu, José Dias e todos já sabiam do perfil da moça, o que colaborava para mais tarde provocar em Bentinho uma dúvida cruel.

Machado dá continuidade à questão da mulher, mas agora de uma maneira diferente, ele passa por várias personagens femininas, mas Capitu é a que chama mais a atenção dos leitores, pelo seu jeito independente, sua atitudes, pois naquela época o homem se considerava ainda superior à mulher, mas essa situação começa a mudar com Capitu.

Uma cena que chama atenção no livro e revela mais ainda o caráter de Capitu e a desconfiança de Bentinho, é no velório de Escobar, onde a moça chora como se fosse a esposa dele e surge aí as desconfianças do marido.

Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolando a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral; No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas. (ASSIS, 2007p. 188).

Mas Capitu continua firme em seu pensamento e atitudes.

Capitu enxugou depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o narrador da manhã. (ASSIS, 2007, p.188).

Nesse momento Capitu mostra toda a sua fragilidade, seu sentimento, isso basta para que Bentinho passe a desconfiar da atitude de sua esposa em relação ao tipo de sentimento que ela nutria por Escobar.

A partir desse acontecimento Bentinho passa desconfiar do caráter de sua esposa e vive em função da dúvida, Capitu traiu ou não, o que o transforma em um Casmurro.

A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NO FOCO LITERÁRIO

A MULHER NA LITERATURA

A mulher tem seu espaço de destaque enquanto protagonista na literatura brasileira iniciando-se com **Marília de Dirceu**, de Tomás Antonio Gonzaga passam a ser presença constante nos poemas, no romance, no teatro e nas novelas.

No Romantismo conhece-se o perfil da mulher idealizada, aquela que é meiga bondosa faz tudo para família, deixando de lado sua felicidade; via nos livros seu refúgio. Assis (1972. p.43)“Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição de todos da família. Era dócil, afável, inteligente.”

O público gostava muito dessas histórias, onde a mulher era considerada ideal. E sempre esperavam por mais, viam na literatura algo interessante.

Esse público buscava na literatura apenas distração. Torcia por suas personagens, sofria com as desilusões das heroínas e tranquilizava-se com o inevitável final feliz. E logo chegava ao fim, fechando o livro e esquecia-o, esperando o próximo, que lhe ofereceria praticamente as mesmas emoções. (TUFANO, 1993, p.63).

No Realismo essa figura feminina desaparece não se tem as mulheres idealizadas, mas uma mulher real com defeitos e qualidades. O público passa a ter outra concepção de leitura. Segundo Tufano (1993, p.117)

No lugar de belas paisagens, ambientes luxuosos e sofisticados, mulheres e homens elegantes, temos em foco a população anônima e marginalizada da sociedade carioca do século XIX. Promiscuidade, vida miserável, pobreza e luta pela sobrevivência-eis os novos aspectos da realidade social que começam a ter lugar na literatura. Era o momento do Realismo.

Tudo passa a ser mostrado como realmente é principalmente a personagem feminina com suas qualidades e defeitos.

A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícias os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam a cada instante, no modo-de-ser das pessoas (CANDIDO et al.,1987,p.59-60).

Uma personagem engloba tudo, ela é múltipla, podem-se compreender várias coisas, e apresenta elementos complicados em torno dela, que estão ligados entre si.

Segundo Candido et al. (1987, p.54) “Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor”. Assim personagem feminina tem um papel de destaque nas obras literárias.

Em todo o enredo de um romance o que se percebe é quem é essa personagem, o que ela representa na obra ou a que mundo pertence?

Mundo fictício, diferente, as personagens obedecem a um alei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido-ao contrário do caos da vida- pois há nelas uma lógica pré estabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes. (CANDIDO et. al., 1987, p.67).

Todo este contexto da personagem feminina na literatura vem mudando conforme os anos, de acordo com o que ocorre na sociedade, pois uma personagem depende de vários fatores para se desenvolver, Candido et al. (1987, p.75) “A vida da personagem depende da economia do livro, da situação em face dos demais elementos que o constituem: outras personagens, ambiente, duração temporal, idéias.”

Para constituir uma personagem é preciso pensar em tudo que a engloba, desde o enredo até os outros personagens.

A MULHER NO ROMANTISMO

A mulher no Romantismo era idealizada, que esperaria o homem como um anjo no céu. Vários romances chamam atenção traz uma visão da mulher diferente do que havia antes, uma mulher que se iguala ao marido, mas o ama acima de tudo e que custa assumir isso, mas quando assume tem um casamento feliz, como todos os romances têm.

O tema da mulher na obra **Helena** (1876) de Machado de Assis representa o perfil da mulher da época, que a sociedade desejava, e que Machado soube transmitir bem para os leitores. Segundo Assis (1972, p.40) “Helena pegou nele e beijou a página aberta. Uma lágrima brotou-lhe dos olhos, quente de todo o calor de uma alma apaixonada e sensível; brotou, deslizou-se e foi cair no papel.”

Uma mulher verdadeira, que não mentia que assume o erro quando esta errada Assis (1972, p.179) “Não quero a proteção da lei, nem poderia receber a complacência de corações amigos. Cometi um erro, e devo expiá-lo”. Segundo Carvalho (2010, p.284),

Palavras de Helena, que, orgulhosa e altivamente, assume o seu erro e recusa-se a continuar desempenhando a farsa de filha do Conselheiro Vala e irmã de Estácio. Realçando as qualidades morais da moça, Machado reabilita a personagem e, implicitamente, acusa as convenções sociais que vedarem a moça de origem humilde, como Helena, a possibilidade de ascender socialmente. Tivesse ela levado até o fim o jogo de máscara que lhe exigiam e sua situação seria outra. Em outras palavras, Helena em seus projetos e acaba morrendo, não por seus defeitos, mas por suas virtudes.

Chico Buarque na canção *Sem Açúcar*, 1975:

A mulher quase não age; é o objeto das ações do homem; e aqui, é ela que se cala-aliás, igualmente, uma das poucas ações da protagonista. Face á estabilidade afetiva e às tendências paralisantes da mulher, contrapõe-se a instabilidade masculina, que tem como critério exclusivo o próprio voluntarismo. (MENESES, 2001, p.51)

Chico que é um poeta das mulheres e retrata bem nessa canção o perfil de Helena uma moça calada, que quase nunca age, ficando quieta.

Culturalmente, socialmente, a mulher sempre esteve menos acachapantemente vinculada ao princípio de desempenho: sua situação de marginalidade, alijando-a do poder econômico-e, conseqüentemente, do poder decisório, a protegeu historicamente não apenas de exercício repressor do poder, mas do magnetismo enceguedor do primado ad vida econômica. (MENESES, 2001, p.52).

A mulher vivia para agradar a todos não tendo voz em nada, ficando quieta, à margem de situações históricas, sociais e econômicas.

Helena é a grande obra Machadiana, que representa bem a primeira fase do autor e que mostra o Romantismo pelos olhos de Machado.

A MULHER NO REALISMO

A mulher retratada no realismo é diferente daquela do romantismo, não é mais idealizada e sim passa a ser real, com defeitos e qualidades, deixando de ser considerada uma mulher perfeita.

Uma época também de grande denúncia social, o que de fato está ocorrendo na sociedade daquela época, em relação principalmente ao casamento e a igreja. Quem mostra bem esta fase é Machado de Assis, com grandes personagens femininas.

Virgília em **Memórias de Brás Cuba** (1881) que mesmo casada e com um filho, tem um romance com Brás Cubas as escondidas com a ajuda da empregada Dona Plácida. Essa história amorosa durou bastante tempo, os amantes só se separaram, quando o marido de Virgília, Lobo Neves, foi trabalhar longe, mesmo depois da morte do marido Virgília não volta para Brás Cubas. Este romance mostra como o perfil da mulher mudou, agora são mais sedutoras capazes de trair.

Outra personagem famosa é Sofia de **Quincas Bordas** (1891) que não trai o marido Cristiano com Rubião, que fica rico graças a Brás Cubas, que lhe deixa sua herança. Sofia era uma oportunista que queria ficar rica acima de tudo deixando Rubião apaixonado por ela, fazendo grandes promessas e nunca as cumprindo enquanto seu marido Cristiano estava roubando toda a fortuna de Rubião. Sofia e o marido terminam ricos e Rubião pobre e louco.

Essa personagem machadiana é interessante, pois não traz a traição mais mostra como a mulher pode usar sua sedução para atrair os homens em seu favor, e nesta obra não é o homem que planeja tudo sozinho, há a presença de uma mulher, algo que antes não ocorria.

A grande personagem, objeto dessa pesquisa é Capitu de **Dom Casmurro** (1900), que mostra uma mudança e uma denúncia social, pois a mulher deixa de ser omissa e passa a participar de tudo o que ocorre na sociedade.

O que realmente importa em Dom Casmurro é a reflexão a respeito do ciúme doentio dos impulsos de destruição e autodestruição, da inferioridade de moral, do lado egoísta e interesseiro do ser humano, do comportamento sadomasoquista que pode se instalar em relacionamentos amorosos de fundo neurótico e, sobretudo, da condição pessoal e social da mulher brasileira na segunda metade do século XIX. Em outras palavras, o que importa em Dom Casmurro é que ele provoca reflexões em torno da condição humana, especialmente da condição feminina. (CARVALHO, 2010, p.310).

Capitu passa a ser vista como uma mulher do século XIX mostrando o que está acontecendo com a mulher naquela época.

Uma mulher que já não tinha o dom de desenhar, costurar, fazer bordados, era comum, com defeitos e qualidades.

Um dia fui achá-la desenhando o lápis um retrato; dava os últimos rasgos, e pediu-me que esperasse para ver se estava parecido. Era de meu pai, copiado da tela que tinha minha mãe na sala e que ainda agora está comigo. Perfeição não era; ao contrário, os olhos saíram esbugalhados, e os cabelos eram pequenos círculos uns pelos outros. Mas não tendo ela

rudimento algum de arte, e havendo feito de muito merecimento; descontai-me a idade e a simpatia. (ASSIS, 2007, p.62).

Capitu era misteriosa, atrevida, ousada, agia por si própria. Segundo Assis (2007, p.65) “Olhos de ressaca? Vá de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Trazia não sei fluido misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca.” Capitu era uma mulher que perturba os outros personagens e deixa de ser idealizada como ideal e passa a ser real, decidida, forte, independente, deixa de ler os livros e passa a vivê-los.

Quem retrata bem o perfil de Capitu é José Dias:

Capitu, apaar daqueles olhos que diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação. Oh!a adulação! D.Fortunata merece estima, e ele não nego que seja honesto, tem um bom emprego, possui a casa em que mora, mas honestidade e estima não bastam, as outras qualidades perdem muito de valor as más companhias em que ele anda. (ASSIS, 2007, p.52).

Há momentos no livro que Bentinho se remeta ao dizer de José Dias, como na no enterro, onde no capítulo seguinte tem o título de: olhos de ressaca. Assis (2007, p.188) “A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e calada”.

Bentinho (Dom Casmurro) ficou ainda inquieto em relação ao olhar de Capitu.

Tinha já comparado o gesto de Sancha na véspera e o desespero daquele dia; eram inconciliáveis. A viúva era realmente amantíssima. Assim se desvaneceu de todo a desilusão. Não seria o mesmo caso de Capitu? Cuidei de recompor-lhe os olhos, a posição em que a vi, o ajuntamento de pessoas que devia naturalmente impor-lhe a dissimulação, se houvesse algo que dissimular. O que aqui vai por ordem lógica e dedutiva, tinha sido antes uma barafunda de idéias e sensações, graças aos solavancos do carro e às interrupções de José Dias. (ASSIS, 2007, p.190)

Capitu com seu olhar dissimulador torna-se a principal personagem feminina estudada nos dias atuais, e remete ao papel da mulher na literatura como aquela capaz de perturbar a ordem, e mostra o percurso da moça ingênua até a mulher dissimulada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho busca refletir sobre as personagens femininas propostas nas leituras das obras **Helena** (1876) e **Dom Casmurro** (1900) de Machado de Assis, num contexto social diverso.

São perfis diferentes com seus valores morais e sociais.

Helena representa a mulher que se deixava dominar, mas que lança mão da mentira para encontrar a felicidade.

Capitu já não se deixa dominar, tem atitudes firmes que confundem o narrador e o leitor.

São obras que vão se fortalecendo na construção de características do período literário em que se inserem respectivamente o Romantismo e o Realismo.

Machado de Assis atribui a Helena o predomínio da emoção e do sentimento, enquanto Capitu é a lógica, o raciocínio desenhado pelo narrador que comanda as atitudes e ideias.

Portanto, não existe só um olhar ao traçar os perfis, pois cada leitor é dono de sua leitura e vai delineando ao buscar compreender como a época e autor se inserem em um mundo de criação.

Comparar esses dois perfis não fecham possibilidades de novas leituras e pesquisa que venham contribuir para compreender um pouco mais da obra de um dos maiores escritores da prosa literária

brasileira.

Assim, espera-se que esse olhar e essas reflexões contribuam para outras leituras dessas ou outras obras literárias.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M, de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ASSIS, M, de. **Helena**. São Paulo: Três, 1972.

BOSI, A. **História concisa da literatura Brasileira**. 37. ed. São Paulo: Cultrix, , 1994.

CANDIDO, A. CASTELO, J. A. **A Presença de literatura Brasileira: Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo**. 5.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

CANDIDO, A. et al. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CASTELLO, J. A. **A literatura Brasileira: Origens e unidades**. São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 1, 1999.

CARVALHO, C, de . **Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, tema**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

CRUZ, T. M. F.; LOPES, C. S.; GARROUX, D. **Romantismo realista**. São Paulo, ano 1, n.1, p. 46 – 49, 2008.

MENESES, de, B. A. **Figura do feminino na canção de Chico Buarque**. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2001.

PEREIRA, C, L, V. Para além das fronteiras dos gêneros, In: **Discutindo literatura**. São Paulo, ano 1, n. 1, p. 12 – 23, 2008.

RIBEIRO, I. A serena vitória de uma anti-heroína. In: **Discutindo a literatura**. São Paulo, ano 1, n. 1, p. 56 – 97, 2008.

TUFANO, O. **Estudos de Língua e Literatura**. 4. ed. São Paulo: Moderna, v.1, 1993.